



Inversão térmica e assoreamento do braço sul do lago podem ter causado a mortandade dos peixes. No Setor de Clube Sul, eles amontoam-se nas áreas mais rasas e produzem mau cheiro

Os peixes morrem no Paranoá ^{DF - Lago}

Mais de duas toneladas de carpas e carás mortos estão sendo retirados das águas do lago. Motivos estão sendo investigados

Paulo Paniago
Da equipe do Correio

Lá estão eles, estatelados, olhos de peixe morto. Mas, afinal, trata-se de peixe morto mesmo. No plural, peixes mortos. Carpas e carás têm morrido aos montes no Lago Paranoá, nos últimos quatro dias. Seus corpos malcheirosos vão parar na orla dos clubes. “Ontem (anteontem) tiramos de 20 a 25 quilos”, diz o gerente da náutica do clube Cota Mil, Vladimir de Souza Borges, que constatou uma diminuição no número de mortos: “Hoje (ontem), não chegamos a 10 quilos”.

Mortos, não podem servir de ali-

mento. São ensacados e jogados no lixo. Junto com o peixe, uma planta aquática conhecida como *baronesa* tem se acumulado em grande quantidade nas proximidades dos clubes do Setor de Clubes Sul. Somente as carpas e carás são vítimas. Bagres e tucunarés continuam nadando tranquilamente nas mesmas águas.

“Poluição não é, porque esse lago sempre foi poluído”, diz o gerente Borges, eliminando assim uma hipótese para a mortandade dos peixes. No entanto não sabe precisar a origem do fenômeno. Mas pondera, com a sabedoria popular: “Alguns dizem que é comum isso acontecer nesta época do ano, por causa do sol

forte que aumenta a temperatura da água e provoca nos peixes um choque térmico.”

Mesmo sobrevivendo a duras penas, as pessoas que moram embaixo da ponte Costa e Silva sabem que peixe que aparece morto boiando na água não é alimento. Lavam a roupa, tomam banho, mas só pegam os peixes mortos para mostrar à fotógrafa, como faz a pequena Poliana. Alguns dos peixes que bóiam ainda estão agonizantes, abrem a boca em busca de um último alento de oxigênio, mas é esforço inútil.

O fenômeno não é novo e a Caesb lida com ele durante uma semana todo ano. Mas, no ano passado, foram três meses. O fato justificou a convocação de técnicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fizeram análise das águas, mas nada concluíram.

O diretor do sistema de esgotos da Caesb, Pery Nazareth, diz que

dessa vez estão sendo retiradas de duas a três toneladas diárias de peixe morto há uma semana. “Aconteceu depois da mudança brusca de temperatura”, recorda Nazareth. Madrugadas frias seguidas de grande calor durante o dia. Logo em seguida, os peixes começaram a morrer.

Não existe, ainda, explicação. Acredita-se em inversão térmica e assoreamento do braço sul do lago. Isso explicaria, por exemplo, por que as carpas e os carás estão sendo atingidos, enquanto bagres e tucunarés permanecem imunes. Os primeiros freqüentam por períodos maiores essas áreas assoreadas. O fenômeno da mortandade, garante Nazareth, “é preocupante”.

A única certeza é que não se trata de esgoto, segundo o diretor da Caesb. A empresa mantém um aquário de controle, que recebe um efluente do esgoto (sem água do la-

go). E os peixes deste aquário estão bem vivos.

O aguapé, a planta aquática que também tem aparecido em grande quantidade, não está relacionado com a mortandade. Seu crescimento está associado à quantidade de nitrogênio na água, mas não chegou ainda a configurar “um desequilíbrio”, mesmo que o gerente da náutica tenha precisado recolher com um barco o excesso de vegetação e arrastá-lo para outro local.

Quem não confia nas poucas explicações é a dona-de-casa Dione Maria Ramos, que gosta de pescar e foi desagradavelmente surpreendida quando esteve ontem num clube pesque e pague. “É alguma coisa que puseram na água”, insistiu, surpresa com a quantidade de peixes mortos. Produto químico ou lixo em excesso, ela não sabe dizer. Apenas, teve que adiar a pescaria: “Vou pescar peixe envenenado?”, indagou.